

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) EDUARDO OLIVEIRA DE CARVALHO

OPERAÇÃO *ENDURING FREEDOM* 2001 A 2005:

as distintas abordagens

Rio de Janeiro

2020

CC (FN) EDUARDO OLIVEIRA DE CARVALHO

OPERAÇÃO *ENDURING FREEDOM* 2001 A 2005:  
as distintas abordagens

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2020

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, inicialmente, à minha amada família pelo suporte afetivo de sempre. Vocês são a razão maior do meu sentimento de amor à pátria.

Agradeço à minha querida mãe pela base sólida de meu caráter e pelas ajudas nas diversas revisões gramaticais.

Ao meu orientador, CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, agradeço pelos ensinamentos transmitidos sempre com entusiasmo, nas aulas de Noções de Insurgência e nas de Metodologia Científica, bem como pela atenção e orientações no decorrer deste trabalho acadêmico.

Agradeço meu amigo CC (FN) Daniel de Campos Luterman, pela amizade e apoio.

Por fim, agradeço aos componentes da Turma CEMOS-2020 pela amizade e companheirismo.

## RESUMO

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, as tropas norte-americanas foram empregadas na Operação *Enduring Freedom* (2001-2014) no Afeganistão, como parte da guerra ao terror. Em seu desdobramento inicial, de 2001 a 2003, as operações foram conduzidas com foco no inimigo, na busca de eliminar os elementos da *Al Qaeda* e do Talibã. Contudo, ao adentrarem nesse país, passaram a estar envolvidos em uma guerra de insurgência, tanto devido à busca pela retomada do poder pelos talibãs, quanto pela criação de novos insurgentes insatisfeitos com os resultados das batalhas iniciais. As baixas causadas na população civil e a corrida pelo poder nas diversas tribos, alimentaram os movimentos. Ao assumir o comando das tropas estadunidenses no Afeganistão, de 2003 a 2005, o General David Barno (1954- ) e seu estado-maior perceberam a importância da população para o tipo de combate em que estavam inseridos, mudando o foco das operações para a busca de seu apoio. Dessa forma, o propósito deste trabalho é conduzir uma comparação desses dois períodos abordados, verificando as similaridades e singularidades entre eles, usando como embasamento teórico o modelo de contrainsurgência de David Galula (1919-1967), Coronel francês que fundamentou seus estudos nos quatro conflitos dos quais participou.

**Palavras-chave:** Contrainsurgência. David Galula. Operação *Enduring Freedom*. Comparação.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Afeganistão dividido por etnias .....	49
Gráfico 1 - Verba alocada no Afeganistão pelos EUA para atividades não relacionadas à segurança .....	50
Gráfico 2 - Números de civis mortos no Afeganistão de 2001 a 2005 .....	51

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIA -	Autoridade Interina do Afeganistão
CG -	Centro de Gravidade
CSNU -	Conselho de Segurança das Nações Unidas
EUA -	Estados Unidos da América
FT-180 -	Força Tarefa Combinada Conjunta-180
ISAF -	<i>International Security Assistance Force</i>
OEF -	Operação <i>Enduring Freedom</i>
OTAN -	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PRT -	<i>Provincial Reconstruction Teams</i>
URSS -	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>2</b>	<b>A TEORIA</b>	10
2.1	A INSURGÊNCIA, SEGUNDO GALULA	11
2.2	INSURGÊNCIA: CARACTERÍSTICAS E DOCTRINAS PARA O SUCESSO	12
2.3	ESTRATÉGIAS ADOTADAS PELA CONTRAINSURGÊNCIA	14
2.4	AS QUATRO LEIS DA CONTRAINSURGÊNCIA	16
2.5	A TÁTICA SE VOLTA PARA POPULAÇÃO	18
<b>3</b>	<b>OPERAÇÃO <i>ENDURING FREEDOM</i> 2001 A 2003: A INSURGÊNCIA OCULTA</b>	21
3.1	AFEGANISTÃO: CARACTERÍSTICAS E ANTECEDENTES	21
3.2	A DEFLAGRAÇÃO DA OPERAÇÃO <i>ENDURING FREEDOM</i>	23
3.3	A INSURGÊNCIA CRIADA	26
<b>4</b>	<b>OPERAÇÃO <i>ENDURING FREEDOM</i> 2003 A 2005: A NOVA ABORDAGEM</b>	29
4.1	DANOS COLATERAIS: A REALIMENTAÇÃO DA INSURGÊNCIA	30
4.2	POPULAÇÃO: O DISPUTADO CENTRO DE GRAVIDADE	31
4.3	A BUSCA DO APOIO CONDICIONAL DO POVO AFEGÃO	32
4.4	O ALINHAMENTO COM A POLÍTICA	35
4.5	A INFLUÊNCIA DO APOIO EXTERNO	37
<b>5</b>	<b>A MUDANÇA DE POSTURA</b>	39
5.1	ENTENDENDO O AMBIENTE: A PERCEPÇÃO ATRASADA	39
5.2	A TRANSFORMAÇÃO DO FOCO	40
5.3	A DIFERENÇA NA VISÃO POLÍTICA	41
5.4	DO RÁPIDO AO ESTÁVEL	42
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	44
	<b>REFERÊNCIAS</b>	47
	<b>ANEXOS</b>	49

## 1 INTRODUÇÃO

A terça-feira, dia 11 de setembro de 2001, amanheceu ensolarada nos céus de Nova York. Suas ruas agitadas, seus imensos arranha-céus e seus turistas preparavam-se para mais um dia normal no cotidiano daquela cidade. Entretanto, às 08 h 46 min houve uma mudança radical naquela rotina. Um avião chocou-se com uma das torres gêmeas do *World Trade Center*. O mundo começou a noticiar aquele fato que, à primeira vista, parecia ter sido somente um acidente. Contudo, 17 minutos depois, uma segunda aeronave colidiu com a outra torre, deixando claro que se tratava de um atentado. Aquelas ações, realizadas a milhares de quilômetros, tiveram um grande impacto na já sofrida vida da população do Afeganistão.

A resposta das autoridades estadunidenses ao atentado foi a declaração de guerra ao terror, com a promessa ao seu povo de levar justiça não somente aos patrocinadores do atentado, como também àqueles que forneciam guarida para os terroristas. E para cumprir sua promessa, foi deflagrada a Operação *Enduring Freedom*<sup>1</sup> (OEF) no Afeganistão (2001-2014), em que tropas norte-americanas, juntamente com países aliados, foram empregadas para combater o terror.

Rapidamente, o aparato militar dos Estados Unidos da América (EUA) foi colocado em prática para lutar contra aqueles inimigos do ocidente. Operações de inteligência, bombardeios e ações de forças especiais foram prontamente empregados, seguidos da entrada de mais tropas no combate. Contudo, ao ingressar em um país que era, praticamente, liderado pelos talibãs e dividido em diversas etnias, a guerra ao terror começou a se tornar uma disputa pelo poder, com fortes traços de uma guerra de insurgência. Ao perceber essa realidade, fez-se

---

<sup>1</sup> Liberdade Duradora (tradução nossa).



necessária uma mudança de postura das tropas norte-americanas para se adaptarem a esse tipo de combate.

Diante do que foi apresentado, o propósito do deste trabalho é verificar quais as similaridades e singularidades do emprego do poder militar norte-americano no Afeganistão, no contexto da OEF, nos períodos de 2001 a 2003 e de 2003 a 2005, com ênfase nos aspectos relacionados ao apoio à população, empregando a pesquisa comparativa, com teoria. Para sustentar a comparação, verificaremos se os períodos guardaram aderência ao modelo teórico de contrainsurgência de David Galula (1919-1967), Coronel do exército francês, que participou de quatro combates, os quais fundamentaram sua visão sobre o combate à insurgência.

Para atingirmos o propósito retratado, desenvolveremos este trabalho em seis capítulos. Após a presente introdução, no segundo capítulo discorreremos sobre o modelo teórico de contrainsurgência de Galula, com foco nos aspectos relacionados ao apoio à população.

No terceiro capítulo, faremos uma abordagem sobre a OEF entre 2001 e 2003, apresentando algumas características do Afeganistão e um antecedente histórico à operação, prosseguindo com as razões que levaram à sua execução. Por fim, verificaremos a aderência da teoria mencionada às ações executadas pelas tropas norte-americanas naquele período.

No quarto capítulo, examinaremos se os conceitos estudados na teoria de Galula foram empregados no período de 2003 a 2005 na OEF. No quinto capítulo, iremos comparar os dois períodos analisados, verificando as similaridades e as singularidades entre eles.

No sexto capítulo, serão apresentadas as conclusões, bem como indicaremos as possíveis linhas de pesquisa futuras referentes ao tema que não puderam ser aprofundadas neste trabalho. Por fim, devido à relevância do assunto, verificaremos as implicações para a Marinha do Brasil, tendo em vista que se trata de um tema tão presente nos combates na atualidade,

inclusive na esfera doméstica de alguns países. Com isso, iniciaremos a abordagem do modelo teórico de contrainsurgência selecionado.

## 2 A TEORIA

A escolha de David Galula como base teórica para a presente análise se dá pelo fato de que, apesar de ter escrito seu livro na década de 1960, ele ainda permanece profícuo nos dias atuais.

Como Coronel do Exército Francês, o autor pôde vivenciar quatro conflitos que marcaram profundamente a sua visão: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Revolução Comunista na China (1948-1952), a Guerra Civil na Grécia (1946-1949) e a Guerra da Argélia (1954-1962).

Em seu livro *Guerra de contrainsurgência: teoria e prática*<sup>2</sup>, escrito originalmente em 1964, Galula apresenta as definições voltadas para a insurgência e seu lado oposto, a contrainsurgência, mostrando suas causas e caminhos para se alcançar o êxito. De maneira concisa e completa, o autor consegue apresentar um quadro geral do combate à insurgência, detalhando, inclusive, o passo a passo para se alcançar a vitória. Todavia, de forma a limitar o escopo da teoria aplicada ao estudo, este trabalho irá se voltar mais para os aspectos relacionados ao apoio à população, com o desígnio de comparar os objetos da pesquisa.

Neste capítulo, apresentaremos os principais conceitos da contrainsurgência, utilizando o modelo teórico de Galula. Dessa forma, ele será estruturado em cinco seções: na primeira, apresentaremos a definição de insurgência, abordando suas principais características; na segunda, desenvolveremos as características e as doutrinas que conduzem a insurgência ao sucesso; na terceira, exporemos as estratégias adotadas pela contrainsurgência; na quarta, discorreremos sobre as quatro leis de Galula para a contrainsurgência; e na última seção, apresentaremos como a tática se volta para a população nesse tipo de combate.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa e título original: “Counterinsurgency warfare: theory and practice”.

## 2.1 A INSURGÊNCIA, SEGUNDO GALULA

Em seu livro, Galula (1964) define guerra revolucionária primariamente como um conflito interno que pode ter influência externa, o qual desafia o poder local, seja da burocracia, seja da polícia ou das forças armadas. É importante destacar que esse conflito visa a tomar o poder do país ou dividi-lo.

Ainda segundo o autor, a insurgência, uma das formas de guerra revolucionária, é uma luta prolongada conduzida metodicamente, passo a passo, a fim de atingir objetivos intermediários específicos que, finalmente, acarretarão na derrubada da ordem existente. Em seu livro, Galula (1964) parafraseia Carl von Clausewitz (1780-1831), afirmando que a insurgência é a busca da política por uma parte, dentro de um país, por todos os meios.

Diante dessas definições, percebemos que a insurgência busca tomar o poder político de determinado país utilizando-se de meios e condutas próprias. Nessa ótica, a contrainsurgência é apenas um efeito da insurgência, sendo necessária para manutenção do poder vigente (GALULA, 1964).

E no meio dessa disputa, encontra-se a população, o principal objetivo de ambos os lados da contenda. Ela dirige o rumo para a vitória. Assim, Galula a descreve como o novo “terreno” ou “base” (GALULA, 1964), ficando ambíguo na tradução. Terreno, uma vez que é no meio dela que as partes irão combater, e a base, pois dependerão de seu apoio para obter o êxito.

Antes de entrarmos nas definições e doutrinas aplicadas à contrainsurgência, faz-se mister entendermos as características fundamentais da insurgência, de forma a compreender melhor aquilo que deverá ser combatido, conforme veremos na próxima seção.

## 2.2 INSURGÊNCIA: CARACTERÍSTICAS E DOCTRINAS PARA O SUCESSO

Segundo Galula (1964), existem alguns pré-requisitos básicos para que uma insurgência obtenha êxito, os quais estariam divididos em: causa, debilidade da força de contrainsurgência, condições geográficas e apoio externo. Nesse contexto, faremos um breve resumo de tais pré-requisitos.

Quanto à causa, Galula diz que, em existindo uma, o insurgente tem um recurso formidável nas mãos, embora intangível, que ele pode transformar progressivamente em força concreta. Tal ferramenta, se bem empregada, poderá atrair muitos apoiadores e reduzir o número de oponentes (GALULA, 1964). Com uma causa, os insurgentes poderão influenciar pessoas e conquistar maior apoio junto à população, que poderá, inclusive, aumentar seus efetivos. Dessa forma, podemos defini-la como a força motriz motivadora empregada pelo insurgente para angariar o apoio voluntário da população.

Apesar da importância sumária da causa no início de suas ações, ela começa a perder sua importância a partir do momento que a insurgência adquire força. Nesse momento, o conflito passa a ser a principal questão, o que forçará a população a optar por um dos lados, normalmente, por aquele que aparenta ter mais chance de vitória (GALULA, 1964). Essa lógica evidencia a importância de convencer a população de que a mesma está em segurança com a força de contrainsurgência, de forma a romper ou, pelo menos, reduzir seu apoio aos insurgentes.

No que se refere à debilidade da força de contrainsurgência, Galula (1964) apresenta cinco fatores de força e fraqueza do regime político vigente que poderão, de forma análoga, facilitar ou dificultar a evolução ou não da insurgência. São eles: ausência de problemas, consenso nacional, determinação da liderança contrainsurgente, conhecimento dos líderes sobre esse tipo de guerra e a máquina para o controle da população. Em relação a esse

último, Galula (1964) define a máquina como quatro instrumentos de que o estado dispõe para o controle da insurgência: a estrutura política, a estrutura burocrática, a polícia e as forças armadas.

Tais definições abordadas pelo autor se referem à capacidade de um Estado em combater uma insurgência. Contudo, alguns desses aspectos podem ser adaptados para uma força externa em intervenção no país que sofre com esse tipo de conflito, como é o caso do Afeganistão. Para tal, algumas adaptações precisam ser implementadas, em que a força invasora deverá, principalmente, fortalecer o Estado que sofre com a interferência externa, de forma a consolidar suas forças e restringir suas fraquezas.

Com relação às condições geográficas, no entender de Galula (1964), o insurgente, devido à sua fraqueza inicial, necessita apoiar-se nelas para não ser condenado ao fracasso. O autor detalha essas condições em oito tópicos, todavia, resume de forma bastante objetiva em:

Uma situação ideal para o insurgente seria um grande país sem litoral, em forma de estrela de ponta arredondada, com montanhas cobertas de selva ao longo das fronteiras e pântanos dispersos nos planos, em uma zona temperada com uma grande população rural dispersa e com uma economia primitiva (GALULA, 1964, p. 25, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Para o autor, o apoio externo pode ser obtido nas seguintes formas: moral, político, técnico, financeiro e militar. O apoio moral pode ser alcançado sem esforço do insurgente, desde que sua causa seja correta, disseminando-se como o “vento da história”<sup>4</sup>. Esse suporte poderá ser expresso pelo peso da opinião pública e pelos diversos meios de comunicação. A propaganda é o principal elemento do apoio moral. Já o apoio político é obtido com pressão direta na força de contrainsurgência ou indiretamente, com ações diplomáticas nos fóruns internacionais. No que se refere ao apoio técnico, ele pode ser atingido mediante informações aos insurgentes para

<sup>3</sup> No original: “To sum up, the ideal situation for the insurgent would be a large land-locked country shaped like a blunt-tipped star, with jungle-covered mountains along the borders and scattered swamps in the plains, in a temperate zone with a large and dispersed rural population and a primitive economy”.

<sup>4</sup> “The wind of history” (tradução nossa), ou seja, sem esforço, como algo natural.

a organização do seu movimento e para conduzir suas operações políticas e militares. O apoio externo pode ser ainda financeiro, aberto ou encoberto, e militar, sendo usado diretamente na intervenção ou com assistência de treinamento e equipamentos (GALULA, 1964).

Ainda segundo Galula (1964), nenhum apoio externo é absolutamente necessário para os insurgentes, porém é uma grande ajuda quando disponível. No momento em que os insurgentes começam a sair da obscuridade e passam a realizar ações maiores, chegando a criar um exército regular, a necessidade de mais apoios e suprimentos se torna mais evidente.

Levando-se em consideração o exposto, percebemos que o apoio externo poderá trazer uma vantagem significativa para a força insurgente, principalmente se combinada em suas diferentes formas, tornando-se mais necessários durante o desenrolar da insurgência e, com isso, levando a força de contrainsurgência a buscar limitar ou anular esse apoio.

### 2.3 ESTRATÉGIAS ADOTADAS PELA CONTRAINSURGÊNCIA

Conforme o pensamento de Galula, a guerra revolucionária pode ser dividida em dois períodos: guerra revolucionária “fria” e guerra revolucionária “quente”. Na guerra revolucionária “fria”, as ações dos insurgentes permanecem na legalidade e sem o emprego da violência. Já a guerra revolucionária “quente” ocorre quando as ações começam a se tornar abertamente ilegais e violentas. Essa mudança de postura, acarretando na transferência da paz para o conflito, pode ser bem gradual e confusa (GALULA, 1964).

Uma vez que o propósito deste trabalho é comparar as ações dos norte-americanos no Afeganistão, a análise deter-se-á na contrainsurgência contra a guerra revolucionária “quente”, já que esse cenário já foi estabelecido com o início da intervenção na guerra ao terror declarada pelos EUA.

Segundo afirmação do autor, quando a contrainsurgência inicia o uso da força, isso a liberta de muitos entraves que poderiam dificultar seu emprego, principalmente as questões controversas. A “neblina” da moral se dissipa, e o inimigo se torna mais visível, e as medidas de repressão à insurgência se tornam mais justificáveis. No entanto, o uso da força também traz algumas dificuldades (GALULA, 1964).

Nesse momento, o autor entende que, antes do uso da força, a contrainsurgência fica limitada pelos aparatos legais, por não haver uma definição concreta das ações perpetradas pelos insurgentes, ocasião em que estão angariando simpatizantes e esforços político-econômicos para realizar suas ações. A partir do instante em que o inimigo desfere o primeiro golpe, ou que o poder político entende que há a necessidade de usar a força para combater uma insurgência iminente, o contrainsurgente fica livre para agir (GALULA, 1964).

O autor aponta a necessidade de se diferenciar a contrainsurgência da guerra convencional. Nessa última, a estratégia está voltada para a conquista do território inimigo, na destruição de sua força. Já na insurgência, o inimigo se recusa a lutar, sem manter nenhum território. Conseqüentemente, caso uma ação da força contrainsurgente torne insustentável a atividade do inimigo em determinada região, ele simplesmente transfere suas atividades para outra área, o que poderá ser agravado caso a força concentre suas atividades em parte do território (GALULA, 1964).

Dessarte, faz-se necessário localizar a força insurgente para que essa possa ser envolvida e destruída. Todavia, por ser bastante pequena, ela é difícil de ser detectada. Dessa forma, a inteligência deverá coletar dados dos insurgentes, tendo a população como sua principal fonte. No entanto, ela não irá falar enquanto não se sentir segura para isso, o que só irá acontecer quando o poder da força insurgente for quebrado (GALULA, 1964).

Em virtude do que foi apresentado, concluímos que a contrainsurgência necessita aplicar uma forma de combate própria que leve em conta não somente a natureza e as



características da guerra revolucionária, como suas “leis” peculiares e princípios derivados desses. Assim sendo, apresentaremos as quatro leis selecionadas por Galula.

#### 2.4 AS QUATRO LEIS DA CONTRAINSURGÊNCIA

A primeira lei apresentada pelo autor é o apoio da população que é necessário tanto para a força de contrainsurgência, quanto para a insurgência. O problema chave para a primeira não é como ela faz a limpeza da área, ou seja, como eliminará o inimigo em seu interior, mas como ela irá mantê-la. Isso só pode ser obtido com o apoio da população. Pode ser fácil conseguir expulsar os insurgentes de uma determinada região ou dispersá-los, ou ainda destruir suas organizações políticas com uma intensa ação policial, contudo, será difícil de prevenir seu retorno ou a reconstrução de suas células políticas sem o apoio da população (GALULA, 1964).

Em seu livro, o militar francês faz menção ao insurgente como o peixe nadando na água, uma alusão à obra de Mao Tsé-Tung (1893-1976), *On Guerrilla Warfare*<sup>5</sup>, em que ele diz que a população seria a água, pois sem ela, o peixe não sobreviveria (TSÉ-TUNG, 1992). Assim sendo, em vez de caçar o peixe no lago, o contrainsurgente deveria “secar” a água para que ele “morresse”.

A segunda lei consiste no apoio que é obtido por meio de uma minoria ativa. O autor afirma que, em qualquer situação, independente da causa, existirá sempre uma minoria ativa pela causa, uma maioria de neutros e uma minoria ativa contra a causa. Logo, uma das maneiras de se alcançar o poder é confiar à minoria favorável a tarefa de angariar a maioria neutra, para que possam paralisar ou eliminar a minoria contrária (GALULA, 1964).

Pelas ideias apresentadas na segunda lei, independente da força de

---

<sup>5</sup> Na Guerra de Guerrilha (tradução nossa).

contrainsurgência ser do país onde ocorre o conflito ou externa, ela deverá identificar a minoria contrária à causa dos revolucionários para que possa, por intermédio dos “corações e mentes”<sup>6</sup>, angariar sua simpatia e utilizá-la em favor de sua causa.

Nesse ponto, o autor faz uma análise sobre a vitória na guerra de contrainsurgência. Ele afirma que ela não significa a destruição, em determinada área, da força insurgente e de sua organização política, mas reside no permanente isolamento desses da população. Isolamento, esse, não forçado, mas sim conquistado e mantido com o apoio da população (GALULA, 1964).

Analisando a terceira lei, é possível observar que o apoio da população é condicional. A minoria contra os insurgentes não irá se manifestar enquanto a ameaça não for distendida de uma forma razoável. E mesmo após esse momento, os possíveis apoiadores da contrainsurgência não serão capazes de angariar parte da população enquanto ela não for convencida de que a força de intervenção tem vontade, meios e capacidade para vencer. Como afirma o autor, enquanto a vida do homem está em risco, é preciso mais do que propaganda para movê-lo (GALULA, 1964).

Na guerra revolucionária, a força é estimada pelo apoio da população, conforme medido em termos de organização política nas bases. A força de contrainsurgência alcança uma posição de superioridade quando seu poder é emanado de uma organização política emitida pela população, e firmemente apoiada por essa (GALULA, 1964).

Na quarta lei, a intensidade do apoio e a vastidão dos meios são essenciais e, de acordo com Galula, as operações desencadeadas devem aliviar a população da ameaça do insurgente, o que requer uma grande concentração de esforços, de meios e de pessoal (GALULA, 1964). Isso significa que os esforços deverão ser empregados área por área, e não espalhados pelo território.

Em todas as quatro leis apresentadas, percebemos a importância da população para

---

<sup>6</sup> Expressão utilizada com o sentido de se buscar a conquista do apoio e da simpatia da população.

a operação, tornando-se o objetivo principal da contrainsurgência. Sua proteção e confiança trarão vantagens para ambos os lados, o que leva a uma luta constante pelo seu apoio. Dessa maneira, a força contrainsurgente deverá lidar com o medo da massa, demonstrando a essa que possui capacidade para lidar com o inimigo e que a presença do Estado será permanente naquela região. Em seguida, apresentaremos como a estratégia e as leis da contrainsurgência serão desenvolvidas pela tática.

## 2.5 A TÁTICA SE VOLTA PARA A POPULAÇÃO

Iniciando a tática, Galula apresenta o primeiro problema que precisa ser resolvido: o Comando. Ele afirma que o princípio da Unidade de Comando deve ser respeitado na contrainsurgência, em que, apesar de surgirem tarefas divididas entre civis e militares, nesse tipo de operação, elas se sobrepõem (GALULA, 1964). De forma a harmonizar essas tarefas, uma vez que uma impacta na outra, faz-se necessário uma única direção para que ocorra a sinergia necessária à condução das atividades, provendo segurança e suporte à população.

Ele ainda considera a importância da preparação política para a operação, em que o contrainsurgente deverá se “armar” de uma causa para contra-atacar o insurgente (GALULA, 1964). Em razão disso, a melhor maneira de fazê-la é entender as necessidades da população local e estabelecer reformas para atendê-la, investindo na demanda exata do povo. Entretanto, ele alerta que nada seria mais prejudicial para a reputação do poder político do que prometer reformas e não as cumprir (GALULA, 1964).

Assim sendo, Galula afirma que, nesse tipo de operação, a política tem preeminência sobre o militar, pois o que está em jogo é o poder político do país, e defendê-lo é um assunto desse poder. Dessarte, por mais que seja necessário o emprego de ações militares

para isso, estas serão voltadas para atingir os objetivos políticos (GALULA, 1964). Em outros termos, as ações militares ou de uso da força estarão sempre no esforço secundário, de forma a permitir que o esforço político possa atuar com segurança em prol da população.

De forma conclusiva, a responsabilidade de condução da operação como um todo deveria recair no poder civil, sempre que possível. Caso não exista efetivo civil suficiente para condução de tarefas essenciais para atender às necessidades da população, poderão ser empregados militares em substituição, desde que estejam adaptados para executar esse tipo de função.

Um dos impactos mais importantes nessa adaptação é que a tropa necessitará se preparar para uma ampla gama de tarefas que não são relacionadas às atividades militares, de forma a atingir o apoio da população. Na falta de pessoal civil para conduzir certos tipos de atividades, os militares poderão ser empregados em tarefas políticas ou administrativas. Tais tarefas estarão previstas no âmbito da operação civil-militar<sup>7</sup>.

Assim, no contato direto com a população, a força poderá aproveitar para obter informações e fazer a propaganda, angariando o seu apoio, de modo a suprimir cada vez mais a influência do insurgente. Na combinação de esforços, a força contrainsurgente, tanto de civis quanto de militares, deverá se adaptar para enfrentar esse tipo de combate. Por exemplo, em uma guerra convencional, um soldado reage a um disparo de forma instantânea, com o meio que tiver disponível. Na contrainsurgência, a resposta deverá ser precisa, pois o dano colateral poderá colocar em risco toda a estratégia empregada, já que o apoio da população é fundamental.

Na tentativa de sintetizar a teoria de Galula com seus aspectos voltadas para a

---

<sup>7</sup> De acordo com a Doutrina Militar Naval, significa: O conjunto de atividades planejadas que busca estabelecer, manter influência ou capitalizar as interações e as relações de cooperação e coordenação entre as forças militares, a população civil e as autoridades e organizações governamentais ou não governamentais, a fim de contribuir para a condução de outras operações e ações, bem como a conquista de objetivos militares (BRASIL, 2017, p. 19).

população, verificamos a importância dessa para a operação. Em seu livro, constatamos que é dela que emana o poder tanto da força insurgente, que necessita da população para manter suas operações, quanto para a força contrainsurgente, que tem como foco cortar esse vínculo, angariando seu apoio e recuperando a confiança do Estado na região onde se atua. Para recuperar essa confiança, o poder político precisa agir. Ao passo que Clausewitz definia a guerra como “a continuação da política por outros meios”, podemos inferir que, na contrainsurgência, “a guerra é a política em ação”.

Ao escrever seu livro em 1964, Galula verificou que, em seu passado recente, as insurgências eram provenientes de duas causas maiores: do aumento do nacionalismo das colônias e da pressão do comunismo. Contudo, ao morrer em 1967, não pôde observar a ascensão das insurgências causadas por motivos predominantemente étnicos-religiosos, como no caso dos atentados de 11 de setembro de 2001, que acarretaram na resposta norte-americana, como veremos a seguir.

### **3 OPERAÇÃO *ENDURING FREEDOM* 2001 A 2003: A INSURGÊNCIA OCULTA**

Na manhã de 11 de setembro de 2001, o mundo testemunhou o maior ataque estrangeiro em solo norte-americano. Diferente das ações militares desferidas, utilizando meios de guerra para concretizar suas ações, nesse caso, um pequeno grupo de apenas 19 extremistas, embarcados em quatro aviões que partiriam da costa leste para a costa oeste dos EUA, repletos de combustível, conduziram ações detalhadamente planejadas para realizar ataques suicidas nos símbolos de poder daquele país.

Ao obter pleno êxito em atingir as Torres Gêmeas, dois aviões colocaram abaixo um dos maiores símbolos do poder econômico norte-americano, juntamente com milhares de vidas. Um terceiro avião, partindo de Washington D.C., acertou o símbolo do poder militar, o Pentágono, e um quarto avião, sem êxito, caiu em um campo em *Shanksville*, Pensilvânia, que possivelmente teria como alvo um dos símbolos do poder político estadunidense, ou o Capitólio ou a Casa Branca. Como resultado, quase 3.000 pessoas morreram em decorrência dos ataques. Diante desse cenário, o então Presidente dos EUA, George W. Bush (1946- ), declarou guerra ao terror, marcando o início das ações norte-americanas e de seus aliados no Afeganistão.

Nesse sentido, o presente capítulo irá abordar as ações que foram empregas pelas tropas norte-americanas no seio da OEF, no período de 2001 a 2003, verificando sua aderência aos conceitos de guerra de insurgência de Galula, sendo estruturado nas seguintes seções: Afeganistão, características e antecedentes; deflagração da OEF; e a insurgência criada.

#### **3.1 AFGANISTÃO: CARACTERÍSTICAS E ANTECEDENTES**

O Afeganistão está localizado no sudoeste asiático, sem litoral e montanhoso, com

planícies ao norte e a sudoeste. A cordilheira do *Hindu Kush*, que se estende de nordeste a sudoeste, divide o país, com a população concentrada em seu sopé e nas planícies em seu entorno, com pequenos povoados nos vales. O leste é mais povoado, em contraste com o sul, onde a população é mais distribuída. É um Estado predominantemente rural, com apenas 26% de taxa de urbanização, de acordo com a *Central Intelligence Agency* (CIA, 2020).

O país é dividido em uma estrutura de tribos, distribuída por todo território (HAMMES, 2006). Com 14 etnias reconhecidas<sup>8</sup>, seu sistema de poder está diretamente relacionado à sua organização étnica-tribal. Os pashtuns formam a maior etnia, sendo dividida pelas fronteiras com o Paquistão e concentrando-se no sul e sudeste. A segunda, os tadjiques, habitam o norte e o nordeste. Os hazaras, de origem mongol, formam a terceira maior etnia e concentram-se nas regiões montanhosas no centro do país, a noroeste da capital Cabul. A quarta, os uzbeques, possuem origem uzbeque e russa (HAMMES, 2006). As demais tribos estão divididas pelo território, como mostra a FIG. 1 (ANEXO A).

Tal cenário, com uma população fracionada em diversas etnias, rural em sua grande parte, em um território dividido por uma grande elevação, sem litoral e com fronteiras em formato arredondado, apresenta condições ideais para o estabelecimento de insurgência, de acordo com as características apresentadas por Galula.

A retirada das tropas da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) do Afeganistão após a guerra entre eles, ocorrida entre 1979 e 1989, e o posterior abandono do país pelo Ocidente, principalmente pelos EUA, que forneciam o maior apoio ao país afegão durante essa guerra, deixou o país em completa desordem. Essa saída foi seguida de um golpe que acabou retirando do poder os pashtuns, etnia que governou o Afeganistão por mais de 300 anos. Com isso, o país passou a ser dividido com diversos “feudos”, controlados por verdadeiros senhores da guerra (MARSTON, 2008).

---

<sup>8</sup> A constituição de 2004 do Afeganistão reconheceu 14 grupos étnicos no país (CIA, 2020).

Nesse cenário de sofrimento da população, o movimento Talibã surgiu em uma área tribal de pashtun no Paquistão, dentre os afegãos refugiados. Seus objetivos eram restaurar a paz, fazer cumprir a *Sharia*, ou lei islâmica, desarmar a população e defender a integridade e o caráter islâmico do Afeganistão. Para atingir tais objetivos, muitas vezes empregaram a força, eliminando a oposição e estabelecendo leis islâmicas rigorosas. Depois de quase 10 anos de guerra civil que se seguiram após a saída da então URSS, muitos cidadãos afegãos comuns acharam positiva a trégua imposta pelos talibãs, apesar da sua brutalidade (BYMAN, 2015). Nos anos 2000, o Afeganistão era praticamente dividido pelo controle dos talibãs e pela Frente Islâmica Unida pela Salvação do Afeganistão, também conhecida como Aliança do Norte, sendo que essa última controlava apenas 10 a 15% do território (MARSTON, 2008).

Em 1996, Osama Bin Laden (1957-2011), líder e fundador da *Al Qaeda*, refugiou-se no Afeganistão, onde construiu seus campos de treinamento para a sua organização terrorista, com a autorização dos talibãs, recebendo, em troca, ajuda com dinheiro e tropas para lutarem em suas fileiras. Apesar do apoio mútuo estabelecido, eles possuíam bastantes dessemelhanças entre si, desde diferentes visões do islamismo até a forma como encaravam o Afeganistão. Enquanto para a *Al Qaeda* esse país era apenas parte de sua luta mais ampla, os talibãs estavam focados principalmente em sua pátria (BYMAN, 2015). Essa diferenciação deveria ter sido importante para orientar o tipo de abordagem a ser empregada pelos norte-americanos, ao perceber a ideologia política por trás das ações dos talibãs.

### 3.2 A DEFLAGRAÇÃO DA OPERAÇÃO *ENDURING FREEDOM*

Após os atentados do 11 de setembro, o Presidente Bush exigiu dos talibãs que fechassem os campos de treinamento terrorista no Afeganistão, entregassem os líderes da rede



da *Al Qaeda* e devolvessem todos os estrangeiros, incluindo cidadãos norte-americanos que foram detidos. Contudo, nenhuma dessas exigências foi cumprida (WHITE HOUSE, 2011). Diante de tal cenário, em 07 de outubro de 2001, foi dado início a OEF, liderada pelos norte-americanos, com bombardeios por aeronaves e mísseis de cruzeiros contra alvos da *Al Qaeda* e dos talibãs. Em paralelo, elementos de forças especiais norte-americanas e britânicas entravam no país para prestarem assessoria e apoio às tropas da Aliança do Norte, em sua parte setentrional, e às forças pashtuns anti-talibãs ao sul. As principais tarefas das forças estadunidenses eram fazer com que as forças talibãs entregassem Osama Bin Laden, ou fazê-los sofrerem as consequências. Outras tarefas eram buscar informações e fustigar o inimigo. E no final dessa lista, estava a tarefa de prover ajuda humanitária (MARSTON, 2008).

Em menos de dois meses, as cidades de *Mazar-i-Sharif*, Cabul e *Kunduz* foram tomadas. Os efeitos dos bombardeios e do apoio das forças especiais norte-americanas à Aliança do Norte estavam sendo notados, infligindo pesadas baixas aos talibãs. Ao sul, seu destino era semelhante. Forças pashtuns anti-talibãs, também com o apoio dos elementos de forças especiais, cercaram e tomaram *Kandahar* no início de dezembro (MARSTON, 2008).

Enquanto as forças talibãs se retiravam para as montanhas a leste e ao sul, a sua partida começava a dar sinais de vácuos políticos, levando, novamente, a uma corrida predatória pelo poder nas tribos, acompanhada por uma cultura da impunidade, em que a agressão para manutenção das tribos era permitida, desde que demonstrassem sua lealdade ao governo em Cabul. Juntamente com esse fato, os bombardeios e as ações contra os talibãs e a *Al Qaeda* acabaram afetando a população local (MARSTON, 2008), criando precedentes para o surgimento de novos insurgentes.

Com a retirada dos talibãs, o combate começava a ser tornar mais convencional. Informes davam conta de que o inimigo havia se ocultado nas cavernas e uma série de bombardeios e operações localizar e eliminar o inimigo foram realizadas, entretanto, sem a

confirmação de sua presença. Ainda nesse momento, a vontade de lutar da Aliança do Norte começou a ser questionada e foram solicitadas mais tropas norte-americanas para o combate. Com isso, mais três divisões do Exército dos EUA foram desdobradas para continuar na caça aos talibãs e à *Al Qaeda*, nenhuma delas com experiência em contrainsurgência (MARSTON, 2008).

Em continuação às operações convencionais, em março de 2002, foi desencadeada a Operação Anaconda. Mais de 2.000 militares dos EUA e 1.000 militares de outros países, como parte da força de coalizão, contando ainda com tropas afegãs, foram enviados para a região leste do país com a tarefa de localizar e destruir algo em torno de 1.000 combatentes talibãs e da *Al Qaeda*. Estima-se que 500 elementos dessas forças foram eliminados. Os que sobreviveram se esconderam nas cavernas ou se evadiram para as áreas tribais no Paquistão (MARSTON, 2008).

Apesar do elevado número de baixas nas forças adversas, o formato de guerra focando o inimigo parecia aumentar ainda mais a insurgência. Na busca de mais resultados por intermédio da atrição, o então Secretário de Defesa Donald Rumsfeld (1932- ) determinou que fosse desencadeada a Operação *Mountain Sweep*<sup>9</sup>, em outubro de 2002, para localizar e destruir os inimigos nas montanhas. Mais uma vez, foi demonstrado como ações realizadas por uma tropa não preparada para contrainsurgência poderia ajudar para aumentar a insurgência (MARSTON, 2008).

Em tais operações, os interesses e aspirações da população foram ignorados. Os bombardeios, seguidos de ações militares convencionais para eliminar o inimigo acabaram desencadeando mais insatisfação dos afegãos, diminuindo a chance de sucesso em uma operação que, conduzida com foco no inimigo, ignorou os preceitos da contrainsurgência.

---

<sup>9</sup> Varredura nas Montanhas (tradução nossa).

Diante do que foi apresentado, percebemos que as ações norte-americanas, conduzidas, inicialmente, em apoio às tropas anti-talibãs no Afeganistão e, posteriormente, com um volume maior de tropas, tiveram como foco a eliminação do inimigo. Nesse momento, a população, principalmente aqueles de etnia pashtun, foram relegadas a segundo plano. Tal postura trouxe significativas consequências para o desenrolar do combate, como veremos a seguir.

### 3.3 A INSURGÊNCIA CRIADA

A Aliança do Norte, apoiada por elementos de forças especiais norte-americanas e por seu forte poder aéreo, rapidamente conquistou os territórios que estavam sob o controle talibã. Apesar das exigências dos EUA para que não entrassem em Cabul, em 17 de novembro, a cidade foi tomada por essa aliança de etnia tadjique. Preocupados com a estabilização do país, líderes da oposição resolveram estabelecer um plano sua reestruturação. Em 22 de dezembro de 2001, foi criada a Autoridade Interina do Afeganistão (AIA), tendo à frente o pashtun Hamid Karzai (1957- ). Dentro do plano, a AIA deveria criar em um prazo de seis meses a *Loya Jirga*, um grande conselho de tradições pashtun. Com isso, mantendo o acordado, ela foi concebida em junho de 2002. Em seguida, Karzai foi eleito, em votação secreta, presidente do Estado Islâmico de Transição do Afeganistão (MARSTON, 2008).

Apesar de o líder do governo ser de liderança pashtun, os demais membros dessa etnia em Cabul estavam preocupados com a influência tadjique no comando, pois esses, após entrarem na capital afegã, assumiram grande parcela nas funções do Estado, incluindo o exército, a polícia e os serviços de inteligência (MARSTON, 2008). A preocupação pashtun era a influência que aquela etnia possuía por ter empregado a Aliança do Norte junto às forças

estadunidenses, para reconquistas de grande parte do território.

Piorando ainda mais o cenário, muitas tribos pashtuns foram alvos de ataque, pois eram locais de refúgio dos remanescentes do talibã e da *Al Qaeda* (HAMMES, 2006). A guerra ao terror, com o foco das ações voltadas para a destruição do inimigo, levou a uma rápida conquista dos territórios sob o controle dos talibãs. Contudo, a quase ausência de ações voltadas para a obtenção do apoio da população e o emprego de tropas não especializadas em contrainsurgência não geraram resultados duradouros. Na verdade, tais procedimentos conduziram a operação na contramão da vitória.

Além disso, a insurgência já não era mais politicamente ou ideologicamente homogênea. O insurgente, que era comumente chamado de talibã pelos norte-americanos, não somente derivou desse grupo. Novos insurgentes emergiram nas regiões que sofreram com os ataques estadunidenses. Todavia, essa generalização era bastante útil para a força invasora, pois ligava o inimigo aos atentados de 11 de setembro. Contudo, já em 2002, essa denominação, em grande parte, não era mais correta. Os talibãs já haviam perdido seu poder político e haviam se retirado. Ainda que tenham recebido apoio da *Al Qaeda* e de extremistas islâmicos do exterior, o que acabou levando os novos revoltosos a se empenharem em suas ações foram: a falta de um governo estável, o abandono dos pashtuns em relação aos tadjiques e uzbeques, a corrupção e a corrida pelo poder nas tribos, e uma identidade étnica-tribal (MARSTON, 2008).

Além dos talibãs, pelo menos dois grupos significativos de insurgentes apareceram: a Rede *Haqqani* e o *Hezb-e Islami Gulbuddin*. Todos os três grupos situavam-se no cinturão pashtun<sup>10</sup> entre o Afeganistão e o Paquistão. Esse último desempenhou um importante papel na campanha insurgente. Independentemente de a posição do governo central paquistanês ser de apoio aos EUA, tal cinturão possui laços históricos e étnicos que os mantêm unidos. As áreas pashtun do Paquistão proporcionavam refúgios para os revoltosos, além de prover uma

---

<sup>10</sup> Área localizada na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, habitada pela etnia pashtun.

atividade de contrabando para seu suporte (MARSTON, 2008). Era o apoio externo definido por Galula em ação. E por mais que o Governo paquistanês tenha enviado tropas para a região para tentar colocar fim a esse apoio, o esforço foi inconclusivo, levando, tão somente, a população a se posicionar contra o governo (MARSTON, 2008).

Ao estudarmos Galula e verificarmos as ações norte-americanas no Afeganistão nos seus primeiros anos, não só notamos a falta de doutrina voltada para contrainsurgência, como percebemos também ações que colaboraram para a criação de novas insurgências. A desatenção com a população local, principalmente nas regiões sul e sudeste do país, seu alinhamento com a Aliança do Norte, liderada por uma etnia que não era a maioria no país e o descaso perante as corridas pelo poder nas tribos realçaram o despreparo dos EUA em enfrentar um problema que ia além da guerra ao terror. Ao atentarem para essa realidade, já estavam afastados da população local, e a insurgência já tinha novos atores envolvidos na operação. Diante desse cenário, seria necessária uma mudança de postura na condução da OEF, conforme desenvolveremos melhor no próximo capítulo.

#### 4 OPERAÇÃO *ENDURING FREEDOM* 2003 A 2005: A NOVA ABORDAGEM

O aumento de ações de insurgentes contra as forças de coalizão, principalmente nas regiões sul e sudeste, fez com que a liderança norte-americana repensasse sua estratégia de abordagem no Afeganistão. Ao assumir o Comando da Força Tarefa Combinada Conjunta-180<sup>11</sup> (FT-180), em outubro de 2003, o *Lieutenant General*<sup>12</sup> David Barno (1954- ) e seu estado-maior, após estudarem Galula e outros autores que abordavam a temática de contrainsurgência, reconheceram a importância da população na condução da OEF.

Além disso, criaram um plano para prover segurança e estabilização<sup>13</sup> do país, buscando uma maior aproximação do poder político, com mudanças na localização no seu Posto de Comando. Os demais comandantes militares da força de coalizão compreenderam que as questões políticas, econômicas, culturais e tribais poderiam ser mais influentes do que as razões ideológicas-religiosas, que antes eram tidas como os motivos principais das ações perpetradas pelos insurgentes.

Diante disso, a OEF começou a apresentar modificações na sua estratégia de abordagem, com ações mais voltadas para a contrainsurgência. Neste capítulo, apresentaremos as principais medidas que foram implementadas no período, sendo desenvolvido da seguinte forma: danos colaterais, a realimentação da insurgência; população, o disputado centro de gravidade; a busca do apoio condicional do povo afegão; o alinhamento com a política; e a influência do apoio externo.

<sup>11</sup> Tradução nossa de *Combined Joint Task Force-180*, criada em março de 2002, com mais de 19 países, liderada pelos EUA (BARNO, 2007).

<sup>12</sup> Posto equivalente à General de Divisão no Exército dos EUA (tradução nossa).

<sup>13</sup> Opção de comportamento político-estratégico, composta por um conjunto de ações que visam estabilizar a crise e manter o status quo, proporcionando tempo para arregimentação de novas forças ou para aguardar conjuntura mais favorável (BRASIL, 2015, p. 107).

#### 4.1 DANOS COLATERAIS: A REALIMENTAÇÃO DA INSURGÊNCIA

Com a mudança na estratégia empregada pelos norte-americanos, as operações tiveram um forte impacto. A permuta para as ações centradas na população, em vez daquelas voltadas para o inimigo, acarretou uma necessidade de redução dos danos colaterais que as tropas poderiam cometer.

Inicialmente, as ações das tropas na busca de dados do inimigo, associadas ao reduzido número de militares empregados, e utilizando procedimentos operativos padronizados para o combate convencional, separavam ainda mais a população das tropas. O emprego de operações de cerco e varredura em cidades, baseadas nas informações obtidas pelas equipes de inteligência, poderia aumentar ainda mais esse afastamento (BARNO, 2007).

Por fim, os bombardeios conduzidos para eliminar os talibãs, principalmente nas regiões sul e sudeste do país, acabaram levando ao aumento do número de insurgentes, muitas vezes motivados por causas distintas daqueles inimigos que os estadunidenses planejavam destruir inicialmente. Uma das formas de se empenhar em reduzir a criação de mais animosidade em relação às tropas estrangeiras, foi a proibição do uso do apoio de fogo aéreo contra alvos que não estivessem diretamente engajados em combate com as forças de coalizão (BARNO, 2007).

Segundo o General Barno, a utilização de bombardeios baseados em dados técnicos da inteligência foi completamente eliminada, tanto pela falta de resultados positivos quanto pelos danos colaterais que poderiam causar. Como ele mesmo afirmou: “nós trocamos alguns resultados táticos por consequências estratégicas muito mais importantes” (BARNO, 2007, p. 35, tradução nossa)<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> No original: “we traded some tactical effect for much more important strategic consequences”.

A adaptação dos procedimentos operativos para melhorar o contato com a população local e a redução dos danos colaterais foram medidas tomadas na intenção de reduzir a influência dos talibãs nas regiões afetadas pelas baixas causadas pelas tropas estrangeiras. Assim, o foco na população se evidenciou cada vez mais, tornando-se prioridade nas operações desenvolvidas, conforme aprofundaremos na próxima seção

#### 4.2 POPULAÇÃO: O DISPUTADO CENTRO DE GRAVIDADE

De acordo com o Glossário das Forças Armadas, o centro de gravidade (CG) é “uma fonte de força, poder e resistência física ou moral que confere ao contendor, em última análise, a liberdade de ação para utilizar integralmente seu poder de combate” (BRASIL, 2015, p. 59). Conforme afirmou Galula, o apoio da população é fundamental para ambos os lados. É dele que o insurgente sobrevive, e é com esse apoio que o contrainsurgente reconstrói o Estado na região, reduzindo a influência do primeiro.

Assim, ao assumir o comando da FT-180, o General Barno identificou o povo afegão como o CG, motivado tanto pela teoria clássica de contrainsurgência de Galula, quanto pelas considerações acerca da história militar afegã. Nessa última avaliação, ele percebeu que, nas duas sucessivas campanhas britânicas no século XIX e na invasão da então URSS na década de 1980, todas terminaram com uma derrota violenta para os invasores, mostrando a animosidade afegã com forças estrangeiras (BARNO, 2007).

Nessa mudança de postura, as tropas deveriam entender que a tolerância afegã às intervenções estrangeiras teria um limite, necessitando ser explorado de maneira adequada. As baixas causadas na população, detenções abusivas e a falta de respeito com as tradições conservadoras da cultura afegã, tratando com desprezo os mais velhos nas tribos, poderiam



aproximar as ações ainda mais do limite do aceitável pelos afegãos (BARNO, 2007).

De forma a melhorar essa relação tropa-povo, começaram a adotar o lema “respeito pelos afegãos”. Para reforçar essa posição, a força de coalizão decidiu convencer o povo a se comprometer com o seu futuro por meio das eleições para o novo governo. Assim sendo, em 2004, as tropas se empenharam ao máximo para estabelecerem condições para que as eleições presidenciais pudessem ocorrer naquele ano, uma demonstração de que as operações convencionais não eram mais o foco (BARNO, 2007).

Por conseguinte, percebemos uma mudança de postura em relação ao modo de executar operações. Diferente das ações que visavam à destruição do inimigo como a sua principal tarefa, agora, a abordagem passa a ter a população como o fator mais importante para o sucesso da operação. E assim sendo, para conseguir o seu apoio, seriam necessárias algumas ações positivas, como abordaremos a seguir.

#### 4.3 A BUSCA DO APOIO CONDICIONAL DO POVO AFEGÃO

Para que as forças pudessem agir livremente em suas respectivas áreas de operações<sup>15</sup>, e a população pudesse sentir-se segura para colaborar com as forças de coalizão e do governo, o inimigo ainda teria que ser neutralizado nessas áreas. Ações, empregando principalmente operações especiais, continuaram a ocorrer na busca de líderes da *Al Qaeda*, pois o sentimento de vingança do 11 de setembro ainda permanecia. Entretanto, tais ações passaram a ser entendidas como o esforço secundário, enquanto o esforço principal direcionou-se àquelas que atingissem o apoio à população, em consonância com a mudança do CG (BARNO, 2007).

<sup>15</sup> Espaço geográfico necessário à condução de operações militares (BRASIL, 2015).

A falta de doutrina e de adestramento específico fizeram com que as tropas tivessem que se adaptar à contrainsurgência. Tal necessidade foi comprovada com a falta de doutrina atualizada para esse tipo de operação. O primeiro manual sobre o assunto, criado após a guerra do Vietnã (1959-1975), foi lançado somente em 2006, e as tropas já estavam sendo empregadas, apesar do pouco treinamento nesse tipo de combate (BARNO, 2007).

Com o reconhecimento da importância do respeito pela população para a operação, o General Barno desenvolveu os “Quinze Pontos”<sup>16</sup>, um conjunto de diretrizes que foram propostas ao Presidente Karzai em resposta a suas preocupações sobre as operações militares que estavam sendo desenvolvidas pelas forças de coalizão (BARNO, 2007). Essas diretrizes limitavam as suas ações em um notável esforço de reduzir os danos colaterais e a hostilidade do povo afegão.

Outro ponto de destaque para a liderança da FT-180 eram as forças de segurança afegãs. Elas deveriam exercer uma função visível nas operações. Para isso, o treinamento do Exército Nacional Afegão foi estendido e acelerado. Apesar da grande rivalidade étnica-tribal, o exército foi recriado de maneira balanceada em relação a esse tema. Sua atuação junto às tropas norte-americanas causou reações positivas da população, ao entrarem juntos nos vilarejos. O treinamento para abordagem exaltou o forte contraste em relação à violenta repreensão que era comum nas milícias locais. No início, as tribos consideravam o exército afegão tropas estrangeiras, até que começassem a falar com eles no dialeto local. Seu profissionalismo e disciplina fizeram desta entidade uma fonte de orgulho nacional (BARNO, 2007).

Outro ponto muito importante na tentativa de se aproximar de uma doutrina de contrainsurgência, no que se refere a obtenção do apoio condicional da população, foi a mudança na realização de incursões rápidas na busca do inimigo pela manutenção de áreas por

---

<sup>16</sup> “*Fifteen Points*” (tradução de nossa).

um período maior. Dessarte, procurou-se implementar um maior controle das regiões sul e sudeste, uma vez que eram as áreas com maior número de conflitos. Tal mudança trouxe à população uma percepção diferente, pois, em vez de passar por determinada área para enfrentar o inimigo, agora, ao se estabelecer na região, a tropa teria responsabilidade por aquela área, onde deveria buscar resultados de longo prazo em sua atuação. Os comandantes passaram a se tornar especialistas daquele local onde atuavam e ainda buscavam estreitar o relacionamento com os anciãos daquelas tribos e com as autoridades locais (BARNO, 2007).

Com essas ações, a força de coalizão, liderada pelos norte-americanos, conseguia atender, praticamente, as quatro leis da contrainsurgências abordadas por Galula. Ao desenvolver as forças de segurança afegãs e ao estabelecer áreas para manutenção das tropas, era possível conseguir o apoio da população e mostrar para ela que suas ações não eram pontuais, mas sim estáveis e duradouras, melhorando a confiança do povo nas tropas estrangeiras e nas próprias forças afegãs. Ao estreitar o contato com os anciãos, foi buscado o apoio de uma minoria ativa muito influente na cultura afegã, que tem grande respeito pelos mais velhos das tribos. A concentração nas regiões sul e leste buscou aliviar a população da ameaça talibã nessas áreas, economizando esforços em relação a região norte do país, atendendo à quarta lei de Galula.

De forma a possibilitar esse esforço, seria necessária uma maior ação da política, o que levou o comando das tropas a uma maior aproximação de Cabul. Tal procedimento teve por finalidade acompanhar de perto determinadas mudanças e buscar ações para a reconstrução do país, como veremos na próxima seção.

#### 4.4 O ALINHAMENTO COM A POLÍTICA

Ao se estabelecer no Afeganistão, após as ações iniciais que buscaram eliminar os talibãs e a *Al Qaeda*, duas bases de operações<sup>17</sup> nível brigada foram instaladas em *Bagram* e *Kandahar*, a leste e a sul, respectivamente, tornando-se o centro de comando e controle das forças que atuavam em toda a vasta área sudeste do país (BARNO, 2007).

Essa configuração permitia seguir com as operações voltadas para o inimigo, em que, a partir dessas bases, ações eram conduzidas, apoiadas por informações advindas da inteligência, com incursões que duravam dias ou até semanas, e retornavam para suas bases.

Em 2003, foi determinada a criação de um novo posto de comando da força de coalizão em Cabul, comandado por um General de Divisão, de forma a se aproximar do poder político, diferente da ideia do combate convencional que busca se afastar dos centros urbanos. Na capital, o comando das tropas estaria próximo ao Governo, das embaixadas, de organizações não-governamentais, podendo se concentrar na unidade de esforço político-militar para reconstrução do país (BARNO, 2007).

Dentro da lógica da reconstrução, foram criados, por iniciativa norte-americana, os *Provincial Reconstruction Teams*<sup>18</sup> (PRT), inseridos no contexto das operações civis-militares. Seu objetivo era promover a reconstrução, governabilidade e segurança local em determinadas áreas de interesse no Afeganistão, usando equipes combinadas de civis e militares, com o propósito maior de expandir a autoridade do Governo central de Cabul (MARSTON, 2008). Sua primeira unidade foi concebida em novembro de 2002, na cidade de *Gardez*, localizada ao sul da capital. Entretanto, foi entre 2003 e 2004 que houve um aumento significativo, passando de quatro para dezenove PRT em todo país (UNITED STATES, 2005).

<sup>17</sup> Local onde se reúne ou se concentra uma força em condições de atuar em uma área de operações (BRASIL, 2015).

<sup>18</sup> Equipes de Reconstrução Provincial (tradução nossa).

Parte desse aumento teve ajuda da *International Security Assistance Force*<sup>19</sup> (ISAF). Essa força foi criada pela resolução 1386 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), em 13 de dezembro de 2001, na conferência de *Bonn*. Ela foi constituída para manter a segurança de Cabul, sob a liderança do Reino Unido, contando com a representação de diversos países, com um efetivo inicial de 4.500 militares (UNITED NATIONS, 2001).

Contudo, foi somente com a resolução 1510 do CSNU, autorizando a expansão das operações da ISAF para fora de Cabul, que suas ações puderam ser percebidas no contexto da contrainsurgência (UNITED NATIONS, 2003). A partir desse momento, ela pôde movimentar tropas para o norte, a partir de 2004, e para o Oeste, a partir de 2005, assumindo alguns PRT e responsabilidade por determinadas áreas que antes eram do encargo das tropas norte-americanas (MARSTON, 2008).

De acordo com o General Barno (2007), a principal mensagem a ser passada com os PRT era comprometimento das tropas estrangeiras e do governo central de Cabul com a melhora nas condições de vida do povo afegão, tornando-se uma “arma ofensiva” na contrainsurgência no Afeganistão, confrontando as forças talibãs.

Os PRT foram uma mudança não só na abordagem do combate, como na alocação de recursos. Enquanto que, em 2002, a verba alocada pelos EUA para atividades não relacionadas à segurança, em sua grande parte era conduzida para projetos humanitários de rápida resposta, em 2004, cerca de 75% dessa verba foi alocada para atividades de reconstrução, como mostra o GRAF. 1 (ANEXO B). A mudança nesse cenário mostra uma preocupação maior com ações mais duradouras para o povo afegão, em vez de prestar apoio meramente assistencialista, de rápida resposta, porém, de curta permanência.

Essa aproximação da força política afegã e a busca pelo seu fortalecimento foram uma tentativa de anular a influência do antigo governo do país. Tais ações seriam importantes,

---

<sup>19</sup> Força Internacional de Assistência de Segurança (tradução nossa).

principalmente, para as tribos mais afastadas de Cabul, ao sul e a leste, que ainda sofriam influência talibã. Além disso, buscaram reparar os danos causados pela intervenção e caça ao inimigo, de forma a reduzir a aversão do povo às tropas estrangeiras. Serviam ainda como forma de mostrar à população que as forças de coalizão e o Estado afegão estariam se estabelecendo de maneira duradoura, preocupados com a reconstrução e segurança de suas tribos. No entanto, precisavam ainda lidar com as ameaças provenientes dos inimigos remanescentes, principalmente nas regiões limdeiras, onde o apoio externo ainda estava em ação, como veremos a seguir.

#### 4.5 A INFLUÊNCIA DO APOIO EXTERNO

Ao assumir o comando das tropas norte-americanas no Afeganistão, o General Barno recebeu como área de operações todo o território desse país e mais parcela dos territórios do Paquistão, Uzbequistão e Tajiquistão. Apesar das operações de combate terem sido conduzidas apenas no Afeganistão naquele período, houve a necessidade de interação com os líderes da área de segurança dos demais Estados, principalmente o Paquistão (BARNO, 2007).

O relacionamento com esse país foi importante, mormente, devido à necessidade de apoiá-lo em seu próprio esforço para combater os insurgentes que ultrapassavam suas fronteiras. Foram criadas, pela força de coalizão, reuniões mensais no nível tático entre esses países para tratar da segurança nas fronteiras (BARNO, 2007).

Segundo o General Barno (2007), esse relacionamento gerou resultados positivos nos momentos em que foi necessário combater o inimigo próximo à fronteira, promovendo maior coordenação entre as forças. Além disso, as ações promovidas para melhorar o contato entre esses países serviram como um dos incentivos que levaram o Exército Paquistanês a

conduzir ações contra os insurgentes em seu lado da fronteira.

Reduzir esse suporte proveniente do cinturão pashtun representava não somente a tentativa de eliminar o apoio externo mencionado por Galula. Ele também visava à retirada da guarida provida pelas tribos que, apesar de divididas por limites impostos e frágeis, eram na verdade parte de uma mesma etnia.

Ao entender o ambiente que passaria a enfrentar, o General Barno e sua tropa foram compelidos a se adaptarem ao combate de contrainsurgência, adotando mudanças nas concepções do seu emprego, em que o esforço para angariar o apoio da população colocar-se-ia à frente daqueles voltados para o inimigo. Assim sendo, percebemos um maior alinhamento com os preceitos defendidos por Galula. A liderança da força de coalizão parece ter entendido o que aquele militar francês queria transmitir sobre esse tipo de combate. Apesar da dificuldade de colocá-los em prática após o desenrolar da luta, prosseguiram nessa lida. Dessemelhanças das ações realizadas anteriormente com as empregadas nesse período mostraram a mudança de postura de um combate convencional para a consecução de uma contrainsurgência. Para melhor entendermos como foi essa diferença, abordá-la-emos na próxima seção, juntamente com as poucas semelhanças.

## 5 A MUDANÇA DE POSTURA

Diante de um acontecimento inédito que assombra seu povo, a liderança de um país precisa agir. E de maneira rápida. Assim o foi após o atentado de 11 de setembro de 2001. Em menos de um mês, as forças norte-americanas já atuavam em território afegão para eliminar aqueles que planejaram e patrocinaram as ações que impactaram o mundo.

Esse rápido desdobramento de tropas no Afeganistão pode ter criado influências significativas no tipo de combate que estariam enfrentando. A demora em perceber que teriam que combater uma insurgência em território estrangeiro teve impacto quando da mudança de postura na guerra, gerando uma realimentação dos insurgentes.

Após o combate inicial contra o inimigo, as ações começaram a ser moldadas para a guerra em um contexto de contrainsurgência, em que a população passa a ser priorizada e o poder militar se aproxima do poder político, reconhecendo e privilegiando as necessidades desse último.

Neste capítulo buscaremos identificar as similitudes e diferenças dos dois períodos da OEF apresentados anteriormente, sendo estruturado em: entendendo o ambiente, a percepção atrasada; a transformação do foco; a diferença na visão política; e do rápido ao estável.

### 5.1 ENTENDENDO O AMBIENTE: A PERCEPÇÃO ATRASADA

No início das operações norte-americanas no Afeganistão, o governo do país era liderado pelos talibãs. Ao condená-lo por apoiar e receber a *Al Qaeda*, os EUA se aliaram às tropas da Aliança do Norte e dos pashtuns anti-talibãs. Ao se aproximarem mais do primeiro,



ignoraram a história daquele país, que teve à frente de seu governo por mais de 300 anos a liderança da etnia pashtun, sendo a maior dentre os afegãos.

Apesar de Hamid Karzai, Autoridade Interina no Afeganistão, ser de etnia pashtun, a Aliança do Norte, ao entrar em Cabul, possibilitou que os tadjiques assumissem diversas funções do governo. Com isso, as ações no primeiro período não possibilitaram colocar em prática a segunda lei de Galula, não identificando a minoria que teria maior influência na liderança do país.

No segundo período estudado, a liderança da força de coalizão buscou equalizar essa diferença, principalmente na constituição do seu exército, em que houve um esforço para balancear as etnias em sua composição e no esforço de conduzir, com segurança, o processo de eleição no país.

Outro fator importante seria perceber que sua população, dividida nas diversas tribos pelo território afegão, muitas vezes sofria com os senhores das guerras que dominavam determinadas regiões. Com o afastamento do poder político e por realizar ações mais voltadas para eliminação do inimigo, o povo foi ignorado e, muitas vezes, atingido pelas operações, como veremos a seguir.

## 5.2 A TRANSFORMAÇÃO DO FOCO

Houve uma demora em perceber que, ao entrar no Afeganistão, as tropas norte-americanas seriam envolvidas em uma guerra de contrainsurgência, em que o inimigo iria valer-se da insurgência para buscar a retomada do poder. No primeiro período, as tropas se voltaram para ações convencionais que tiveram uma forte repercussão em seu desenrolar. Já em seu nascedouro, a OEF realizou diversos bombardeios visando à destruição do inimigo. O

elevado número de mortos na população, como mostra o GRAF. 02 (ANEXO C), teve significativo impacto no desenrolar da guerra. O aumento no número de insurgências, principalmente nas regiões sul e leste do país, levou à mudança de postura no segundo período, em que as tropas passaram a realizar suas ações voltadas para a contrainsurgência.

Nesse momento, o povo passa a ser a prioridade da força de coalizão, devendo ser protegido e apoiado. As ações contra o inimigo continuaram, em uma semelhança ao primeiro período, porém, não sendo mais a prioridade. Os bombardeios direcionados pela inteligência passam a ser proibidos, como uma das formas de reduzir os danos colaterais. A busca pelo apoio da população, de acordo com os preceitos de Galula, começou a ser notada nesse segundo período. Contudo, para que tal apoio pudesse se concretizar, deveria haver mudanças na maneira com que a força de coalizão encarava as operações civis-militares. No próximo subcapítulo apresentaremos essa mudança.

### 5.3 A DIFERENÇA NA VISÃO POLÍTICA

Ao assumir o comando das tropas norte-americanas no Afeganistão, o General Barno se esforçou para criar uma aproximação com o poder político. O estabelecimento do comando da FT-180 em Cabul facilitou essa harmonização. Enquanto no primeiro período estudado, as tropas buscaram afastar-se da capital, estabelecendo-se em *Bagram* e *Kandahar*, mais interiorizados, com o foco nas operações militares, no segundo, a aproximação da força política visava a uma maior preocupação com a segurança e a reestruturação do país.

Apesar do foco no inimigo, ainda no primeiro período, foram criados os PRT, com o objetivo maior de prover segurança e governabilidade às regiões atendidas. Entretanto, foi no segundo período que tiveram suas ações aumentadas. Parte desse incremento foi possível com

a permissão de a ISAF atuar fora dos limites de Cabul, com a resolução 1510 do CSNU, permitindo que esta força pudesse assumir a liderança de parcela dos PRT. Além disso, a diferença da própria abordagem norte-americana nos investimentos no país afegão demonstrou essa preocupação com a reestruturação local. Enquanto que, no início da operação, os gastos não militares dos EUA na região estavam focados em ações humanitárias, quase dois anos depois houve uma mudança nessa postura, já que os gastos com a reconstrução do Afeganistão se sobrepuseram àqueles com soluções mais imediatistas.

Para que essas medidas de reconstrução fossem implementadas, seria necessária uma mudança também na postura das tropas relacionada à atuação no interior de suas áreas de operações, como veremos a seguir.

#### 5.4 DO RÁPIDO AO ESTÁVEL

A primeira reação norte-americana no Afeganistão após os atentados nos EUA era dar uma resposta ao seu povo àquelas cenas terríveis que foram divulgadas amplamente na mídia. Ao iniciarem a OEF, seu foco era eliminar aqueles que patrocinaram ou forneceram guarida aos terroristas. Assim, desencadearam uma série de operações, com um aumento progressivo de tropas estadunidenses, para combater na guerra ao terror.

Naquele primeiro momento, as operações eram encetadas a partir de suas bases, buscando os talibãs e os remanescentes da *Al Qaeda*, entrando nos vilarejos apenas para vasculhar, criando, muitas vezes, animosidade com a população local que ainda guardava na memória a imagem de uma invasão soviética.

Tal procedimento, aliado às baixas que eram causadas na população, fizeram aumentar o número de insurgências no país. Diante desse cenário, já no segundo período

abordado, ocorreu uma mudança de procedimento. As tropas passam a receber, sob sua responsabilidade, determinadas áreas de operações onde passariam a atuar por períodos maiores. Foi necessário entender a cultura local, estabelecer ligação com as autoridades locais e com seus anciãos, de forma a possibilitar uma integração com o povo daquela região, na busca de isolar os insurgentes da população, alinhados com as leis de Galula.

Levando-se em conta o que foi observado, percebemos que os dois períodos estudados não só têm muita dessemelhança entre si, mas também que o primeiro teve forte impacto no desenrolar do segundo. As operações focadas no inimigo aumentaram o distanciamento da população afegã, o que foi aproveitado pelos talibãs. Ao perceber as consequências disso, tiveram que se adaptar ao cenário criado.

No segundo momento, a mudança na abordagem, fundamentada na contrainsurgência, buscou conter o apoio popular aos talibãs e o crescimento do número de insurgentes. Houve uma necessidade de adaptação da tropa e diversos procedimentos tiveram que ser alterados. A preocupação com a reconstrução do país e a presença permanente de tropas estrangeiras, acompanhadas de membros do exército afegão, resultou em uma aproximação do poder militar ao político e em tentativa melhor de angariar o apoio da população, gerando maior alinhamento com os preceitos de combate apresentados por David Galula.

## 6 CONCLUSÃO

Diante da mudança de postura das tropas dos EUA na condução da OEF no Afeganistão, o propósito do presente trabalho foi comparar o emprego do poder militar estadunidense nos dois períodos analisados, com ênfase no apoio à população, utilizando como embasamento teórico o modelo de contrainsurgência de David Galula.

Para atingirmos nosso objetivo, o trabalho foi estruturado em seis capítulos, sendo quatro de desenvolvimento. No segundo capítulo nos dedicamos à compreensão dos preceitos teóricos do modelo de contrainsurgência de Galula, com foco no apoio à população, para que pudéssemos verificar sua aderência aos dois períodos da OEF analisados.

No terceiro capítulo, realizamos uma interpretação das características e dos principais antecedentes históricos do Afeganistão, até se tornar alvo da OEF. Após isso, seguimos apresentando as ações iniciais da OEF executadas pelas tropas norte-americanas no contexto daquela operação, no período de 2001 a 2003.

No capítulo seguinte, mudamos o período de análise para 2003 a 2005, constatando maior aderência aos preceitos de contrainsurgência no emprego do poder militar dos EUA. Verificamos que, ao assumir o comando da FT-180, o General Barno e seu estado-maior identificaram a população como o CG, passando a pautar as ações na conquista do seu apoio. Notamos, também, maior aproximação política, bem como uma preocupação maior com a reconstrução do país, como forma de melhorar as condições de vida do povo afegão e reduzir a influência talibã.

No quinto e último capítulo do desenvolvimento, verificamos as similaridades e singularidades das ações norte-americanas no seio da OEF, ocasião em que percebemos a mudança de postura da força invasora, principalmente em relação à população.

Ao notarmos a diferença de abordagem das tropas dos EUA na OEF, percebemos a

importância de bem examinar a situação do local onde uma tropa militar será empregada. As ações iniciais desencadeadas podem ter consequências durante todo o desenrolar do combate, principalmente ao realizar operações em um país com culturas e tradições tão distintas.

As ações promovidas, inicialmente, com foco na eliminação do inimigo, além de causarem baixas na população, dissociaram a tropa estrangeira do povo afegão. Estando inserido em um combate no contexto de uma contrainsurgência, tais ações tiveram implicações em todo decorrer da guerra. Além das baixas, a “marginalização” da etnia pashtun no processo de reestruturação do Governo em Cabul teve forte impacto. Principalmente a etnia tadjique que, na figura da Aliança do Norte, foi a primeira a entrar em Cabul, tendo precedência ao assumir postos no executivo daquele país. Isso criou um afastamento da etnia que possuía mais de 50% da população do Afeganistão.

Ao mudar de postura, aproximando-se da doutrina postulada por Galula, percebemos uma significativa alteração no rumo do combate. Nesse sentido, o estudo dos objetos nos permitiu verificar a importância da população em um combate de contrainsurgência. Do mesmo modo, percebemos a relevância de serem desenvolvidas ações voltadas para a estabilização e reconstrução do país, com resultados mais positivos do que aquelas de cunho mais assistencialistas, uma vez que, além de prover alívio para a população, mantêm seus resultados por mais tempo, reduzindo a dependência da população em relação aos insurgentes.

Tendo em vista os aspectos observados, a perda do apoio da população em um conflito dessa natureza trouxe consequências marcantes para as tropas norte-americanas, pois, além de ter que conquistar esse apoio no desenrolar do combate, tiveram que lidar com novas insurgências criadas pela negligência quanto aos conceitos fundamentais sobre contrainsurgência.

A guerra, contudo, não é um fenômeno isolado. Nela, sempre estará presente a dialética dos contendores. Com o rearranjo da força de coalizão, os talibãs também tiveram que

se adaptar no decorrer do combate. Após 2005, novos desafios foram apresentados pelos insurgentes à força de coalizão, podendo vir a ser um novo objeto de estudo.

Além disso, percebemos que os ensinamentos propostos por Galula, apesar de vividos em um *zeitgeist*<sup>20</sup> em que prevaleciam os conflitos pela independência das colônias ou da pressão do comunismo, permanecem válidos ainda nos dias atuais, necessitando, apenas, de correções para se adaptarem à situação apresentada.

Os ensinamentos retirados da comparação dos objetos apresentados devem ser alvo de constante aprendizado, uma vez que, assim como no passado, poderemos nos deparar com um conflito dessa natureza. Por esse motivo, faz-se necessário à Marinha do Brasil possuir sua doutrina sempre atualizada sobre o tema, principalmente por se tratar de um tipo de combate cada vez mais presente no cenário internacional.

---

<sup>20</sup> É uma palavra alemã que significa “espírito do tempo” ou “espírito de uma época”. Simboliza o clima intelectual e cultural vivido em determinado período. Foi utilizada para simbolizar o momento vivido por Galula no decurso da construção de sua obra.

## REFERÊNCIAS

- BARNO, David W. Fighting “the other war”: counterinsurgency strategy in Afghanistan, 2003-2005. *Military Review*, p. 32-44, Sept./Oct. 2007. Disponível em: <[https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/MilitaryReview\\_20071031\\_art006.pdf](https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/MilitaryReview_20071031_art006.pdf)>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- BRASIL. Estado-Maior da Armada. *EMA-305: doutrina militar naval*. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *MD 35-G-01: glossário das Forças Armadas*. 5. ed. Brasília, DF, 2015.
- BYMAN, Daniel. *Al Qaeda, the Islamic State, and the global Jihadist Movement: what everyone needs to know*. New York, NY: Oxford University Press, 2015. 284 p.
- CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY - CIA. *The world factbook: South Asia: Afghanistan*. 17 June 2020. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/af.html>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p.
- GALULA, David. *Counterinsurgency warfare: theory and practice*. New York: Praeger, 1964. 118 p.
- HAMMES, Thomas X. *The sling and the stone: on war in the 21<sup>st</sup> century*. St. Paul, MN: Zenith Press, 2006. 336 p.
- MARSTON, Daniel; MALKASIAN, Carter (ed.). *Counterinsurgency in modern warfare*. New York: Osprey, 2008. 304 p.
- NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES. *The 9/11 commission report*. [2001]. Disponível em: <<https://govinfo.library.unt.edu/911/report/911Report.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- UNITED NATION. Security Council. *Resolution 1386*. 20 Dec. 2001. Disponível em: <<https://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/Afgh%20SRES1386.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2020.
- UNITED NATION. Security Council. *Resolution 1510*. 13 Oct. 2003. Disponível em: <<https://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/Afgh%20SRES1510.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2020.
- WHITE HOUSE. *Selected Speeches of President George W. Bush 2001-2008*. Washington, D.C.: U.S. Government, 18 Dec. 2011. Disponível em: <[https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2020.



TSÉ-TUNG, Mao. *On guerrilla warfare*. Tradução e Introdução: Samuel B. Griffith. Baltimore, Md: Nautical & Aviation Pub. Co. of America, 1992. 160 p.

UNITED STATES. Government Accountability Office. *Afghanistan reconstruction: despite some progress, deteriorating security and other obstacles continue to threaten achievement of U.S. goals*. Washington, D.C.: GAO, 28 July 2005. Disponível em: <<https://www.gao.gov/assets/250/247264.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

WATSON INSTITUTE FOR INTERNATIONAL STUDIES. *Update on the human costs of war for Afghanistan and Pakistan, 2001 to mid 2016*. Aug. 2016. Disponível em: <[https://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2016/War%20in%20Afghanistan%20and%20Pakistan%20UPDATE\\_FINAL\\_corrected%20date.pdf](https://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2016/War%20in%20Afghanistan%20and%20Pakistan%20UPDATE_FINAL_corrected%20date.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2020.

## ANEXO A

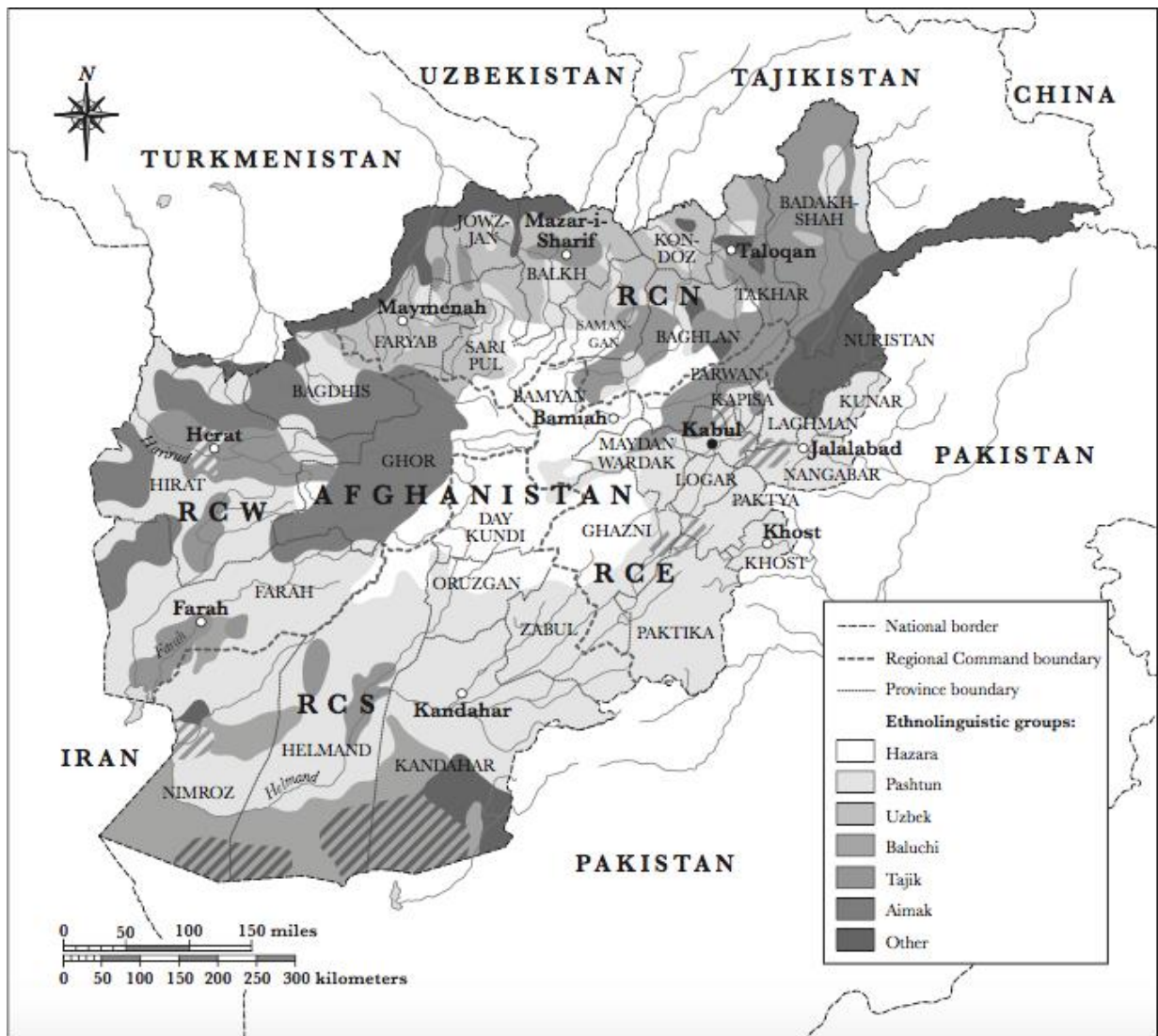


FIGURA 1 – Mapa do Afeganistão dividido por etnias.

Fonte: MARSTON, 2008, p. 224.

## ANEXO B

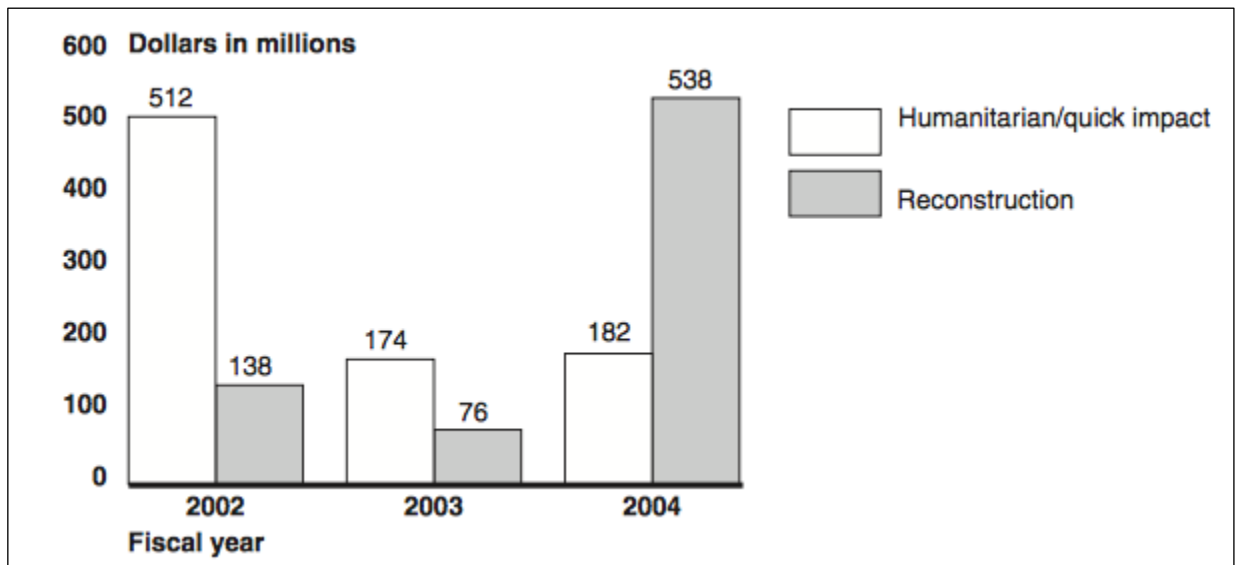


GRÁFICO 1 – Verba alocada no Afeganistão pelos EUA para atividades não relacionadas à segurança.  
Fonte: UNITED STATES, 2005.

## ANEXO C

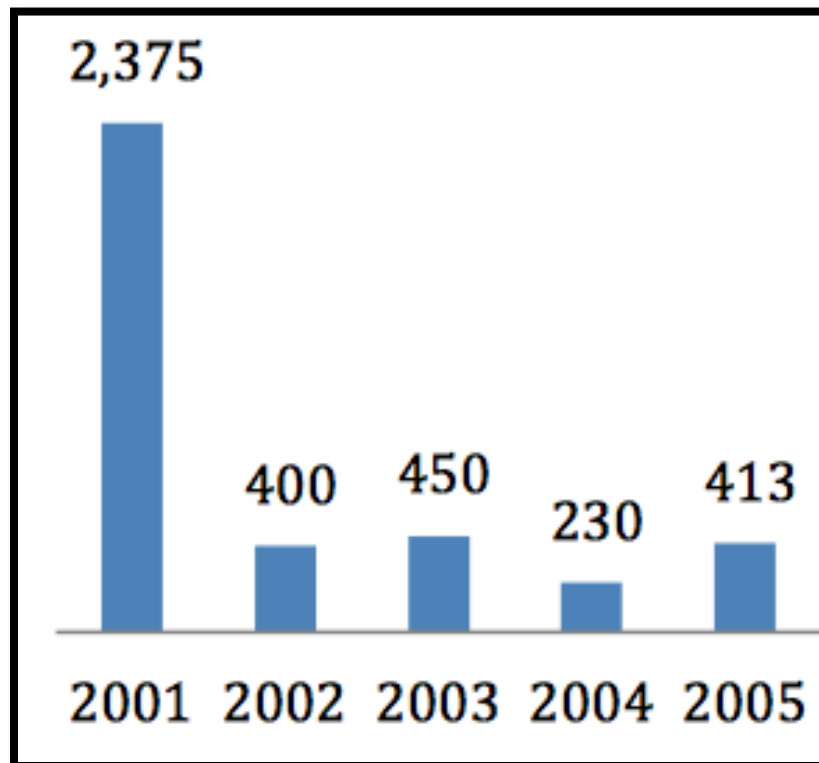


GRÁFICO 2 – Números de civis mortos no Afeganistão de 2001 a 2005.  
Fonte: WATSON INSTITUTE FOR INTERNATIONAL STUDIES, 2016.  
(Houve alteração na ilustração para atender somente ao período dos objetos estudados)